

SLAVOJ ŽIŽEK

1

De Chipre à Grécia: os ovos estão partidos,  
mas a omeleta onde está?

Conta-se a seguinte história [talvez apócrifa] do economista keynesiano de esquerda John Galbraith: antes de partir para uma viagem à União Soviética nos finais da década de 1950, Galbraith escreveu ao seu amigo anticomunista Sidney Hook: “Não te preocupes, não me vou deixar seduzir pelos soviéticos nem voltar para cá a dizer que eles realizaram o socialismo!” Hook ter-lhe-á respondido sem perder tempo: “Mas o que me preocupa é isso mesmo: que digas, quando voltares, que a URSS NÃO é socialista!” O que preocupava Hook era a defesa ingénuo da pureza do conceito: se, na construção de uma sociedade socialista, as coisas correrem mal, isso não invalida a ideia do socialismo — significa simplesmente que foi mal aplicada.

Não detectaremos a mesma ingenuidade nos actuais fundamentalistas do mercado? Quando, em França, durante um recente debate televisivo, Guy Sorman afirmou que a democracia e o capitalismo se implicavam necessariamente uma ao outro, não resisti a levantar-lhe uma objecção óbvia: “Mas o que me diz da China de hoje?” Ele ripostou: “Não há capitalismo na China!” Para um partidário fanático do capitalismo como Sorman, se um país não é democrático, isso significa tão-só que não é um país verdadeira-

mente capitalista, mas pratica uma versão desfigurada do capitalismo, exactamente do mesmo modo que, para um comunista democrata, o estalinismo pura e simplesmente não era uma forma autêntica de comunismo.

A falácia subjacente deixa-se detectar sem dificuldade — é a mesma que encontramos na anedota bem conhecida: “A minha namorada nunca chega atrasada a um encontro nosso, porque, a partir do momento em que se atrasa, deixa de ser a minha namorada!” É assim que o actual apologista do mercado, recorrendo a uma operação de sequestro ideológica inédita, explica a crise de 2008: esta não foi causada por uma falha do mercado livre, mas pela excessiva regulação estatal — ou seja, pelo facto de a nossa economia de mercado não ser uma verdadeira economia de mercado, ainda prisioneira das garras do Estado-Providência. Quando nos agarramos a esta pureza ideal do capitalismo de mercado, subestimando os seus fracassos como acidentes infelizes, desembocamos num progressismo ingénuo cuja ilustração exemplar nos foi fornecida pelo número de Natal da revista *The Spectator* (15 de Dezembro de 2012). Esse número da revista abre com um editorial intitulado “Porque foi 2012 o melhor ano de sempre” (“*Why 2012 was the best year ever*”), que se propõe refutar a nossa percepção de vivermos num “mundo perigoso e cruel, onde as coisas correm mal e tendem a correr pior”. Eis o primeiro parágrafo da peça:

Ainda que talvez não pareça, 2012 foi o melhor ano da história do mundo. A afirmação pode soar extravagante, mas assenta em provas. Nunca houve menos fome, menos doença, ou mais prosperidade. O Ocidente continua a estagnar economicamente, mas a maior parte dos países em vias de desenvolvimento avançam, e as pessoas escapam à pobreza ao ritmo mais rápido de que há memória. As baixas mortais infligidas pela guerra e pelas catástrofes naturais são felizmente reduzidas. Vivemos numa idade de ouro.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Citado de <http://www.spectator.co.uk/the-week/leading-article/8789981/glad-tidings/>.

A mesma ideia é mais demoradamente desenvolvida por Matt Ridley. Eis como nos é apresentado o seu *The Rational Optimist*:

Aqui temos uma demonstração que desmente o pessimismo da nossa época, e que prova que, embora possamos preferir pensar o contrário, as coisas tendem a melhorar. Há 10 000 anos, havia menos de 10 milhões de seres humanos no planeta; hoje, há mais de 6 mil milhões — dos quais 99 por cento têm melhores condições de alimentação, alojamento, diversão e protecção contra a doença do que os seus antepassados da Idade da Pedra. Temos hoje acesso a quase tudo o que pode satisfazer as nossas necessidades ou desejos, e, se em 10 000 anos, os produtos ao nosso dispor não aumentaram sem altos e baixos, o fenómeno conheceu uma aceleração rápida nos últimos 200 anos: das calorias e vitaminas à água em boas condições, às máquinas, à protecção da intimidade, aos meios de nos deslocarmos mais depressa do que podemos correr e à capacidade de comunicarmos a distância, muito para além do que o grito pode alcançar. No entanto, estranhamente, apesar de tantas coisas serem melhores do que antes, as pessoas continuam agarradas à ideia de que o futuro não poderá deixar de ser catastrófico.<sup>2</sup>

E não faltam outros exemplos. Eis a apresentação de *The Better Angels of Our Nature* de Steven Pinker:

Reconheçamo-lo ou não, talvez vivamos hoje o período mais pacífico da existência da nossa espécie. No seu fascinante e polémico novo livro, Steven Pinker, presença habitual na lista dos livros mais vendidos do *New York Times*, mostra que, apesar das notícias que nos falam constantemente de guerra, crime e terrorismo, a violência conhece um longo processo de declínio histórico. Arrasando os mitos relativos a uma violência inerente à espécie e à maldição da modernidade, esta ambiciosa obra leva mais longe a

<sup>2</sup> Citado de <http://www.rationaloptimist.com/>. Cf. Matt Ridley, *The Rational Optimist: How Prosperity Evolves*, Nova Iorque, Harper, 2011.

exploração que Pinker faz da essência da natureza humana, combinando os contributos da psicologia e da história para nos proporcionar a notável visão de um mundo cada vez mais esclarecido.<sup>3</sup>

Ainda que com múltiplas reservas, podemos aceitar, em termos muito gerais, os dados referidos por estes “racionalistas”: sim, vivemos hoje, com efeito, melhor do que viviam, há 10 000 anos, os nossos antepassados da Idade da Pedra, e até mesmo um prisioneiro comum de Dachau (o campo de trabalho nazi, e não o campo de extermínio de Auschwitz) provavelmente vivia um pouco melhor do que um escravo prisioneiro dos mongóis, etc., etc. Mas a verdade é que esta história não diz tudo.

Há uma outra versão, mais terra-a-terra, deste ponto de vista que encontramos muitas vezes nos *mass media*, como no trecho do *The Spectator* que já citámos, mas especialmente frequente nos *media* dos países exteriores à Europa. A crise? Que crise? Consideremos os países do BRIC<sup>4</sup>, a Polónia, a Coreia do Sul, Singapura, o Peru e até muitos Estados da África Subsariana: todos eles progridem. Os perdedores são somente a Europa Ocidental e, em certa medida, os EUA — por isso, não estamos perante uma crise global, mas simplesmente perante uma deslocação da dinâmica do progresso, cujo pólo motor se afasta do Ocidente. Não será um sinal revelador desta deslocação o facto de, recentemente, numerosos portugueses, devido à crise profunda que o seu país atravessa, regressarem a Moçambique e a Angola, ex-colónias portuguesas, mas, desta feita, como imigrantes económicos, e não já como colonizadores? Não poderemos, então, perguntar-nos se a crise que tantas queixas provoca não será uma simples crise local num contexto de progresso geral? Até mesmo do ponto de vista dos direitos humanos, a situação na Rússia e na China não será melhor do que era há cinquenta anos? Lamentar a crise em curso como se esta fosse um fenómeno global seria assim uma perspectiva tipicamente europeia, e, pior ainda, uma perspectiva assumida por

3 Steven Pinker, *The Better Angels of Our Nature: Why Violence Has Declined*, Londres, Penguin Books, 2012.

4 Grupo formado pelo Brasil, a Rússia, a Índia e a China. (N. T.)

esses membros da esquerda que habitualmente se vangloriam do seu antieurocentrismo.

Mas não devemos levar demasiado longe o nosso regozijo anticolonialista, porque a questão que se levanta aqui é a seguinte: se a Europa conhece um processo gradual de declínio, o que é que tende a substituir a sua hegemonia? A resposta é: um “capitalismo com valores asiáticos” — o que, evidentemente, nada tem que ver com os asiáticos, mas tem tudo que ver com a tendência patente e presente do capitalismo contemporâneo, enquanto tal, no sentido da suspensão da democracia. De Marx em diante, a verdadeira esquerda radical nunca foi simplesmente “progressista”, mas viveu constantemente obcecada por uma interrogação sobre o preço do progresso. Marx sentia-se fascinado pelo capitalismo, pela capacidade produtiva inédita que o capitalismo desencadeara, mas insistindo em que o seu próprio sucesso era gerador de antagonismos. E nós devemos assumir a mesma atitude perante o actual progresso do capitalismo global, não perder de vista o seu reverso obscuro e que fomenta revoltas.

As pessoas não se revoltam quando “as coisas estão realmente más”, mas quando as suas expectativas são frustradas. A Revolução Francesa teve lugar depois de décadas durante as quais o rei e os aristocratas foram perdendo gradualmente a sua posse absoluta do poder; a revolta anticomunista da Hungria, em 1956, explodiu quando Imre Nagy era já primeiro-ministro havia dois anos, e na sequência de um período anterior de debates intelectuais (relativamente) livres; as pessoas revoltaram-se no Egipto, em 2011, porque se registara sob o regime de Mubarak um certo progresso económico, que fez com que surgisse todo um grupo social de jovens instruídos, participando na nova cultura digital universal. E se os comunistas chineses têm razões para entrar em pânico, é precisamente porque, em média, os chineses vivem consideravelmente melhor do que há quarenta anos — mas os antagonismos sociais (entre os novos ricos e a restante população) explodem, e as expectativas são muito mais elevadas. É este o problema do desenvolvimento e do progresso: são sempre desiguais, dando assim origem a novos desequilíbrios e antagonismos, e gerando